

OS ESTEREÓTIPOS REPRODUZIDOS NO INSTAGRAM E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RACIAL DE ADOLESCENTES PRETAS: UM RECORTE TEÓRICO

THAILANE SOUZA SILVA BRITO¹

MARIA DE FÁTIMA DE ANDRADE FERREIRA²

Resumo

Este artigo é um recorte da pesquisa de mestrado, em andamento, intitulada “Me siga e dê likes. Estereótipos reproduzidos no Instagram e a construção da identidade de adolescentes pretas: um estudo descritivo nos anos finais do ensino fundamental no Sudoeste da Bahia”, que tem como objetivo investigar de que forma os estereótipos (sociais, raciais e sexistas) de beleza feminina eurocêntrica reproduzida na rede social *Instagram* interferem na construção da identidade e subjetividades de adolescentes pretas na escola-campo, zona urbana, no sudoeste da Bahia, observando o que dizem/falam/pensam as interlocutoras da pesquisa sobre os padrões de beleza e o corpo feminino negro. Nele, apresentamos uma discussão teórica sobre como o *Instagram* pode influenciar na construção da identidade das adolescentes pretas, colocando em evidência as relações étnico-raciais, o papel da mulher na sociedade e o processo de colonização europeia. É possível perceber que a utilização das redes sociais passou a ser vista como meio de interação interpessoal, de reprodução de comportamentos e atitudes, portanto, uma ferramenta social que reproduz diversos (pre)conceitos, dita regras e normas, criar espetáculos e o ponto culminante desse tipo de espetáculo, ao que parece, é o *Instagram*. Os adolescentes, usuários que mais utilizam essas redes, repetem comportamentos que (re)produzem violências simbólicas (BOURDIEU, 1995, 1999; ELIAS, 1993), *bullying*, racismo, discriminação, machismo, homofobia, intolerância religiosa e de gênero no ambiente virtual. Observamos que falar da mulher na sociedade, da construção de sua identidade e as relações com as redes sociais, ainda é um tema complexo. O patriarcado está para além do ambiente familiar e a colonização tem papel fundamental nesse processo histórico e social. Enfim, é preciso pensar o que fazer para mudar a realidade social brasileira para que a mulher seja respeitada e as adolescente pretas, não necessitem de grupos sociais heteronormativos para serem aceitas no ambiente social é pertinente.

Palavras-chave: Estereótipos. Rede social Instagram. Identidade racial. Adolescentes pretas.

Introdução

Este artigo é um recorte da pesquisa de mestrado, em andamento, intitulada “Me siga e dê likes. Estereótipos reproduzidos no Instagram e a construção da identidade de adolescentes pretas: um estudo descritivo nos anos finais do ensino fundamental no Sudoeste da Bahia”, que investiga de que forma os estereótipos (sociais, raciais e sexistas) de beleza feminina eurocêntrica reproduzida na rede social *Instagram* interferem na construção da identidade e subjetividades de adolescentes pretas na Escola de Ensino Fundamental (anos finais), campo de pesquisa, zona urbana, Sudoeste da Bahia, observando o que dizem/falam/pensam as interlocutoras da pesquisa sobre os padrões de beleza e o corpo feminino negro.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB).

² Pós-Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Doutora em Educação (UFBA). Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Neste recorte, apresentamos uma discussão sobre como o *Instagram* pode influenciar na construção da identidade das adolescentes pretas, colocando em evidência as relações étnico-raciais, o papel da mulher na sociedade e o processo de colonização europeia. Nesse sentido, é possível compreender que o racismo atravessa todas as relações sociais (GOMES, 1995) e ainda no século XXI, ser preta é sinal de resistência.

É possível perceber que a utilização das redes sociais passou a ser vista como meio de interação interpessoal, de reprodução de comportamentos e atitudes, portanto, uma ferramenta social que reproduz diversos (pre)conceitos, dita regras e normas, criar espetáculos e o ponto culminante desse tipo de espetáculo, ao que parece, é o *Instagram*. Os adolescentes, usuários que mais utilizam essas redes, repetem comportamentos que (re)produzem violências simbólicas (BOURDIEU, 1995, 1999; ELIAS, 1993), *bullying*, racismo, discriminação, machismo, homofobia, intolerância religiosa e de gênero no ambiente virtual.

Essa é uma questão que vem provocando debates entre pesquisadores sobre o tema e buscam investigar como o *Instagram* pode influenciar na construção da identidade de adolescentes, colocando em evidência, as relações étnico-raciais, o processo de colonização europeia e o papel da mulher na sociedade brasileira. Esta vem passando por diversas transformações na política, estruturas familiares, relações de gêneros e suas intersecções com raça/etnia, classe e, principalmente, nas relações sociais entre adolescentes.

Sem dúvida, ninguém ignora que esse tipo de comportamento obedece aos padrões de mercado, por isso, exprimi sua preferência, atitudes, comportamento, “personalidade” e podem recorrer a estereótipos, (pre)conceitos, símbolos sexuais, padrões de beleza. Além disso, o capitalismo tem suas contribuições nesse processo de produção de relações sociais, cria uma sociabilidade com particularidades nunca vividas e experienciadas em outros modos de produção. As relações sociais são alimentadas por elementos que se destinam a manter a sociedade capitalista e, a partir desse entendimento, podemos pensar nas redes sociais, como uma forma de controle social.

Afinal, como lembra Revel (2005), a formação da sociedade capitalista e sua necessidade de controlar os fluxos e a repartição espacial da mão-de-obra, leva em consideração necessidades da produção e o mercado de trabalho, tornando necessária uma verdadeira ortopedia social, para a qual o desenvolvimento da

polícia e da vigilância das populações são os instrumentos essenciais.

Instagram x Construção da Identidade das adolescentes pretas

A rede social *Instagram*, especificamente, é um aplicativo de rede social feito para compartilhar fotos e vídeos de um *smartphone*. Semelhante ao *Facebook* ou *Twitter*, todos que criam uma conta na rede têm um perfil e um “feed de notícias”. Como já destacamos, assim como outras redes sociais, o indivíduo pode interagir com outros usuários, seguindo-os, sendo seguido por eles, comentando, curtindo as fotos, marcando e enviando mensagens privadas. A rede é inteiramente sobre compartilhamento visual. A principal intenção dos usuários é compartilhar e encontrar as melhores fotos e vídeos e cada perfil de usuário tem uma contagem de “Seguidores” e “Seguindo”, que representa quantas pessoas eles seguem e quantos outros usuários os seguem.

De acordo com a pesquisa *TIC KIDS Online Brasil (2018)*, cerca de 24,3 milhões de crianças e adolescentes, com idade entre 9 e 17 anos, são usuários de internet no Brasil, o que corresponde a cerca de 86% do total de pessoas dessa faixa etária no país. De acordo com a Agência Brasil (2019), pela primeira vez na pesquisa, o número de crianças e adolescentes com contas no *WhatsApp* superou o número de perfis no *Facebook* e também cresceu o número de usuários dessa faixa etária no *Instagram*, que é a terceira plataforma em número de uso entre esse público.

A adolescência é caracterizada como um período de mudança da infância para o estado adulto e essa duração varia conforme a sociedade. Para Becker (1987), essa fase da vida seria melhor explicada se entendida como a passagem que acarreta a mudança de atitude do indivíduo de simples espectador para uma postura mais ativa e questionadora. E Erikson (1976) considera que a principal tarefa do adolescente é a aquisição de uma identidade e eles precisam se distanciar dos seus pais, para construir sua individualidade. É nesse momento que entra em contato com os defeitos, os erros e as fraquezas deles, tem dificuldade em aceitá-los e em se submeter à sua autoridade.

Os adolescentes buscam modelos de identificação, em meio à vivência de fortes conflitos, procura de independência e autonomia (ROMANELLI, 2002) e tendem a desvalorizar a experiência da geração anterior. O que serviu para orientar a conduta de seus pais, geralmente é visto como inadequado como referencial para organizar sua existência devido à velocidade de mudança dos

padrões culturais (SANTOS,1990). É a partir desse período, por exemplo, que surge a idealização pela vida dos artistas, cantores, ou grupo de pares de pessoas a serem seguidas, isto é, os modelos de conduta são interiorizados.

Sendo assim, as ideias, conceitos, concepções, comportamentos vão sendo construídos, sua identidade formada e um desses modelos que são seguidos por diversos adolescentes é a rede Social *Instagram*. Os/as adolescentes devem seguir os padrões ditados como verdade absoluta e os que não se enquadram, sofrem discriminação, *bullying*, preconceito e racismo. Além disso, precisam provar muitas vezes que são heteronormativos para se enquadrarem no ambiente social e, no qual, são observados padrões de beleza eurocêntrica reproduzidos pela sociedade.

Os padrões de beleza Eurocêntrica nas Redes Sociais

Antes de falar sobre os padrões de beleza, é necessário definir o conceito de beleza que se modifica ao longo dos tempos, porém, há algo que não é modificado, que é o padrão eurocêntrico. Homens e mulheres negras, são ao mesmo tempo excluídos dos padrões de beleza considerados hegemônicos, constituídos e afirmados a partir do corpo branco.

Sendo assim, como definir a beleza na atualidade? Ter o corpo bonito? O cabelo perfeito? E o que podemos chamar de cabelos perfeitos? A cor da pele branca? Ela está diretamente ligada ao corpo e suas características, a questão da definição de padrões estéticos no universo da beleza corporal.

Lembrando que Queiroz e Otta (1999), “tomando o corpo como um artefato cultural”, falam “da premência das especificidades culturais envolvidas na eleição de parâmetros para análise estética inscritas em diferentes sociedades” (FERREIRA, 2010, p. 9), entendendo que,

respeitando certos limites, cada cultura define a beleza corporal à sua própria maneira, ocorrendo o mesmo com a classificação e a avaliação das diferentes partes do corpo e as decorrentes associações estabelecidas entre tais partes e determinados atributos, positivos ou negativos (QUEIROZ; OTTA, 1999, p. 22, apud FERREIRA, 2010, p. 9).

Duarte Jr. (1998) conceitua beleza como um produto da relação sujeito e objeto, portanto, uma forma como interagimos com os objetos, uma maneira de nos relacionarmos com o mundo. Não tem a ver com formas, medidas, proporções, tonalidades e arranjos pretensamente ideais que definem algo como belo (1998,

p. 13). Os padrões estéticos e a concepção de beleza variam no tempo e no espaço e todas essas questões perpassam a rede social. É importante destacar que sendo o *Instagram*, um “ambiente virtual de vida perfeita” reproduz ideias e comportamentos da “vida real” e ainda no século XXI, os padrões de beleza são os mesmos do século passado e os perfis mais valorizados aparecem tanto em publicações, como em parcerias pagas seguem o padrão normativo.

Na atualidade, vivemos numa sociedade de imagens, que corporificam pessoas magras, jovens e sem rugas, modelo atrás do qual todas elas correm atrás. Essa situação gera uma forma de cobrança indireta especialmente nas mulheres.

A sociedade eurocêntrica criou padrões, normas e/ou leis e comportamentos que são aceitáveis na sociedade e, historicamente, vêm garantindo a manutenção desse grupo social. O racismo contra a população negra no Brasil, estigmatizada e excluída na sociedade, mantém-se pelo preconceito e discriminação racial vivenciada pela pessoa negra, as deixando muitas vezes em constante conflito em relação a sua identidade.

No Brasil, a configuração do racismo ainda continua sendo perpetuada na realidade social, por meio da negação dos aspectos culturais, religiosos e estéticos. Para Fernandes *et al* (2016), o racismo é uma forma de negação ou de mistificação da alteridade da população negra, fixando-a em estereótipos, atribuindo-lhe uma essência de inferioridade e maldade, não reconhecendo suas diferenças. Toda a trajetória da população negra no Brasil foi conduzida pela ótica dominante, fazendo-os acreditar que “embranquecendo” teriam maior aceitação no meio social. Para que fossem aceitos na sociedade, deveriam negar sua religião e converter-se ao cristianismo, demonizar seus santos, negar suas culturas e ancestralidades e precisam parecer-se esteticamente com o modelo eurocêntrico, nas roupas, corte e textura do cabelo.

Por conseguinte, todas essas questões, como diz Fernandes *et al* (2016) e outros autores, findavam-se no corpo do negro, que era visto como determinante para classificação de branco e negro. O processo de objetificação e desumanização do corpo negro foi um dos instrumentos de opressão e manutenção da ordem da sociedade que mantinha as ideias enraizadas e cristalizadas no período da escravidão, perpetuando, historicamente, a função dos pretos, pretas e pretes.

No Brasil, o culto à padronização do corpo é desmedido, exagerado e, na

escola, as consequências são absurdas, a exclusão social é fato. Este é um fenômeno assustador, alunos/as, vítimas de estereótipos, preconceitos e discriminação racial, acabam desistindo da escola.

Essa questão, portanto, pode ser observada nos estudos que tratam da beleza, tendo-a como recursos metodológicos e fontes de análise, livros, revistas e sites, nos quais podemos observar como a beleza é imaginada e representada como obrigação/dever cultural, sob influência da mídia/moda, onde o corpo é transformado em mercadoria e objeto de desejo, tomado como corpo ideal, padrão, corpo desejo e as consequências de tudo isso são diversas, graves e múltiplas.

O papel da mulher na sociedade e processo de colonização europeia na sociedade brasileira

Quando falamos da beleza eurocêntrica, do papel da mulher na sociedade brasileira, é fundamental considerar o processo de colonização e como ele foi perverso no Brasil. Os africanos foram obrigados a esconder sua religião, cultura, ensinamentos, para enquadrar-se no ideal europeu, branco, heterossexual, católico. Os grupos ditos como “minoritários” foram mortos, massacrados em nome de uma verdade que era real apenas a um determinado grupo – o branco. Desse modo, falar do papel da mulher na sociedade é pensar em toda construção histórica que é legitimada até os dias de hoje, através do patriarcado.

Saffiotti (2001) lembra que a identidade social da mulher está inteiramente ligada à do homem. Na sociedade, homens e mulheres ocupam posições diferentes, esses espaços são delimitados com bastante ênfase, indicando os locais onde cada um poderá atuar e, assim, desde os tempos antigos a mulher é educada para o “lar” e o homem para “trabalhar”.

A sociedade investe muito na naturalização deste processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre de sua capacidade de ser mãe. De acordo com este pensamento, é natural que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, aí compreendida a socialização dos filhos, como é natural sua capacidade de conceber e dar à luz (SAFFIOTTI, 2001, p. 9).

Assim, a identidade social da mulher é construída socialmente através da interação com os pares e todo esse processo leva a naturalização do papel da mulher, como a mãe, do lar, em comparação ao papel do homem, responsável pelo lar e livre para fazer como quiser. Essa relação de dominação culmina na

culpabilização da mulher. A naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher e outras categorias sociais constitui o caminho mais fácil e curto para legitimar a “superioridade” dos homens, assim como a dos brancos, a dos heterossexuais, a dos ricos (SAFFIOTI, 2001). Para a inferioridade da mulher, o homem dominador usou a força física como elemento principal de dominação, criou a ideia da mulher como sexo frágil, a cuidar dos filhos, família. A inferioridade feminina é social.

Mesmo no século XXI, a mulher ainda é considerada, em todas as dimensões (econômica, social, política, cultural, religiosa) um ser inferior em relação ao sexo masculino, classificada como o “segundo sexo” ou “sexo frágil” e colocada sempre como um ser dependente dos pais, irmãos, esposos, filhos. Diante de todas as mudanças da sociedade, ainda é perceptível quais padrões e papéis devem ser seguidos. As mulheres precisam ser mães perfeitas, ter o corpo perfeito, cabelo padrão, um relacionamento “padrão”. Enfim, uma representação de um ser ideal. Quando falamos da mulher preta, existe um duplo sofrimento, lidar com todas essas questões e ainda ser considerada símbolo sexual, para servir ao sexo e a branca ao casamento.

A condição feminina na sociedade machista, misógina, autoritária, patriarcal, agrava ainda mais a questão racial, pois a mulher negra carrega, em sua constituição histórica, a dupla opressão do silenciamento de seu corpo e subjetividade, por ser negra e hierarquicamente inferior. Assim, a mulher negra foi colocada pela escravidão africana, colonização européia e submissão dos desejos de seu senhor. A questão racial na diáspora africana no Brasil ainda é complexa, perdura a ideia de que somos determinados biologicamente, que a cor da pele diz quem somos e, conseqüentemente, os direitos e oportunidades a que a mulher negra tem acesso.

Os efeitos dos discursos da escravidão, abolição, “Ciência da Raça”, do mito da democracia racial ainda podem ser vistos no Brasil e seus efeitos discursivos ainda constroem negras(os), em muitos contextos, como marginais, bandidos, não confiáveis, feios, incompetentes, incapazes para atividades intelectuais e as mulheres como feia, para o serviço doméstico e para o sexo. Sendo estes papéis aceitáveis e o Poder do macho legitimado na sociedade.

Considerações Finais

À guisa de conclusão, podemos afirmar que falar da mulher na sociedade, da construção de sua identidade e as relações com as redes sociais, ainda é um tema complexo. O patriarcado está para além do ambiente familiar e a colonização tem papel fundamental nesse processo histórico e social.

Assim, pensar o que fazer para mudar a realidade social brasileira para que a mulher seja respeitada e as adolescente pretas, não necessitem de grupos sociais heteronormativos para serem aceitas no ambiente social é pertinente.

As relações homem-mulher ainda se encontram sob o “Poder do Macho” e a supremacia masculina exige a construção social da subordinação feminina (SAFFIOTI, 2001). Mulher dócil é a contrapartida do homem macho. Por fim, pensar nas mulheres e no papel que estão vivenciado é pensar na resistência diária do ser mulher nessa sociedade patriarcal e capitalista e buscar investigar as relações das adolescentes pretas no Instagram é necessário.

Portanto, podemos afirmar que a construção dos padrões de beleza na construção da identidade racial da mulher preta a partir de uma investigação no Instagram é muito importante, já que os padrões eurocêntricos de beleza são socializados, estruturados e divulgados pelas Rede Sociais e, especificamente, pelo Instagram, considerando que esta é uma possibilidade de compreender quais os principais influenciadores de reprodução de preconceitos e discriminação racial.

Na escola, afinal, essa reprodução de desigualdades, preconceitos e discriminação racial deve ocupar de debates e reflexões entre professor/a e alunos/as, principalmente de adolescentes, fase da vida que as mudanças são múltiplas, plurais e exigem autonomia desses sujeitos e a atenção das instituições responsáveis pelo desenvolvimento humano e cidadania ativa.

REFERÊNCIAS

Agência Brasil. *Brasil tem 24,3 milhões de crianças e adolescentes que usam internet*. Disponível em: <h <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-09/brasil-tem-243-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-utilizando-internet>>. Acesso em: 20 Out.2021.

Becker, Daniel. *O que é adolescência*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI. *Pesquisa sobre o uso da internet por*

crianças e adolescentes no Brasil: TIC kids online Brasil 2018 = Survey on internet use by children in Brazil: ICT kids online Brazil 2018 [livro eletrônico] / Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, [editor]. São Paulo: CGI, 2019. Edição bilíngue, 2018.

DUARTE Jr., João Francisco. *O que é beleza*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. v.2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

Erikson, Erik. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FERNANDES, V. B.; SOUZA, M. C. C. CORTEZ, C. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 63, p. 103-120. Jan/Abr. 2016.

Geertz, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOMES, Nilma Lino. *A mulher negra que vi de perto*. Belo Horizonte: Mazza, 1995.

GOMES, Nilma Lino. *A mulher negra que vi de perto*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

QUEIROZ, R. S & OTTA, E. (1999). A beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal. In: R. S. Queiroz, (Org.). *O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza*. São Paulo: Senac, 1999, p. 13-16.

Romanelli, Geraldo. *Autoridade e poder na família*. Em M. C. B Carvalho (Org.), *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 2002, p. 73-88.

REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth. *O Poder do Macho*. São Paulo: Moderna, 2001.

Salem, Tania. *O velho e o novo*. Petrópolis: Vozes, 1980.

Santos, L.G. dos. A mídia e as transformações na subjetividade. In: S. Arruda & S. Cavasin (Orgs.). *Sexualidade na adolescência: Educação e Mídia*. ECOS, 1990.